

## PREFÁCIO

---

*Oliver Sacks*

A vida extraordinariamente produtiva de Aleksandr Romanovich Luria atravessou a maior parte do século XX (1902-1977) e assistiu às profundas mudanças ocorridas em nossas abordagens do cérebro e da mente. A vida toda, Luria empenhou-se em estudar o pensamento, a percepção e a ação do ser humano, os modos como podem ser danificados ou transtornados e os modos como podem ser reconstituídos depois de danos produzidos por ferimentos ou doenças. Foi grande a amplitude de seus interesses e, no correr de cinquenta e cinco anos incessantemente produtivos (seu primeiro livro, sobre a psicanálise, foi publicado em 1922; seus últimos livros, sobre memória, linguagem e desenvolvimento cognitivo, foram publicados, todos eles, durante seu último ano de vida), ele nos ofereceu estudos penetrantes a respeito de temas tão diversos quanto neurose, Mal de Parkinson, distúrbios de linguagem, distúrbios da vontade e da ação, distúrbios comportamentais e cognitivos em crianças, formas complexas de “cegueira mental” e – o que suspeito ter sido seu tema favorito – a natureza da memória e da imaginação. Escreveu uma vintena de livros e algumas centenas de artigos, todos eles caracterizados por uma clareza cristalina de pensamento e de estilo, apaixonada sinceridade e, acima de tudo, amor pelo seu trabalho. Foi o mais importante e fecundo neuropsicólogo de seu tempo, e alçou a neuropsicologia a um requinte e simplicidade inimagináveis cinquenta anos atrás.

O que desde o início distinguiu sua abordagem, e constituiu uma linha constante em todos os seus estudos, foi o senso que tinha

de que até mesmo as funções mais elementares do cérebro e da mente não eram de natureza inteiramente biológica, mas sim condicionadas pelas experiências, as interações, a cultura do indivíduo – sua crença em que as faculdades humanas não podiam ser estudadas ou compreendidas isoladamente, mas tinham sempre de ser compreendidas em relação às influências vivas e formativas. Essa perspectiva “social” era compartilhada de modo especial com seu grande mestre Lev Vygotsky, e Luria muitas vezes se referiu à própria obra como um prolongamento da de Vygotsky. Outras influências, notadamente de Freud e de Pavlov, foram de extrema importância para ele em diferentes épocas; acima de tudo, porém, Luria era original e pensava de modo próprio.

Seus primeiros estudos – sobre o desenvolvimento da linguagem e da mente na criança, sobre o brincar, e sobre o desenvolvimento cognitivo transcultural – foram de fato essencialmente “vygotskyanos”. A seguir, porém, percebendo que os estudos do desenvolvimento das funções mentais precisavam ser suplementados por estudos sobre seu colapso, no final da década de 1930 Luria voltou-se para o método clássico de análise clínica, e isso iria ocupá-lo pelo resto da vida. Observar os efeitos das lesões cerebrais (tais como ferimentos, ataques e tumores) sobre a percepção, a memória, a imaginação, a linguagem, a “mente” – todas as qualidades mentais dos atingidos – sempre foi o método básico da neurologia clássica. Porém, mediante seus conceitos e abordagens radicalmente novos do cérebro e do funcionamento mental, novos caminhos se abriram para a compreensão dos processos neurológicos, caminhos que, potencialmente, eram também terapêuticos (em contraposição à “antiga” neurologia que não tinha poder algum para *fazer nada*).

A Segunda Guerra Mundial, que acarretou trágica incidência de graves danos cerebrais, proporcionou amplo campo de provas para a nova neuropsicologia, e a obra de Luria *A restauração de funções após ferimento do cérebro* ofereceu uma nova compreensão e esperança para o tratamento desse tipo de pacientes. Após a guerra, e de modo especial em relação a aneurismas e tumores cerebrais (os acidentes

da vida civil), seus estudos se ampliaram, tornaram-se mais centrados e intensos, levando às mais abrangentes explorações da linguagem, memória, percepção, imaginação, raciocínio – *todas* as funções que constituem a mente, ou dela fazem parte. Esses estudos encontram-se numa série de importantes livros: *Cérebro humano e processos psicológicos*, *Afasia traumática*, *Problemas básicos de neurolinguística*, *A neuropsicologia da memória* e, o mais extraordinário de todos eles, *Funções corticais superiores no homem*.

Esse é o lado “clássico”, principal, de Luria, mas existe um outro lado igualmente importante – ao qual ele gostava de se referir como a “ciência romântica”. Luria contrapõe ciência “clássica” e “romântica” do seguinte modo:

Os eruditos clássicos são aqueles que encaram os eventos em termos de partes componentes. Passo a passo, isolam elementos e unidades importantes, até serem capazes de formularem leis gerais e abstratas. [...] Um dos resultados desta abordagem é a redução da realidade viva, com toda sua riqueza de detalhes, a esquemas abstratos. Perdem-se as propriedades do todo vivente, o que levou Goethe a escrever: “Cinzas são as teorias, mas sempre verde é a árvore da vida”.

Os traços, atitudes e estratégias dos eruditos românticos são exatamente os opostos. Não seguem o caminho do reducionismo, que é a filosofia dominante do grupo clássico. Os cientistas românticos não querem fragmentar a realidade viva em seus componentes elementares, e tampouco representar a riqueza dos eventos concretos através de modelos abstratos que perdem as propriedades dos fenômenos em si mesmos. É de maior importância, para os românticos, a preservação da riqueza da realidade viva, e eles aspiram a uma ciência que retenha essa riqueza (edição brasileira: *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 1992, p. 179).

Essa noção de “ciência romântica”, que o perseguiu desde os primeiros anos, só veio a encontrar plena expressão nos últimos anos

de sua vida, em seus dois extraordinários “romances neurológicos”: *A mente de um mnemonista* e *O homem com um mundo estilhaçado*.

Quando o *Mundo estilhaçado* foi publicado pela primeira vez, fiquei tão fascinado com ele que escrevi uma resenha que acabou por ser um ensaio sobre Luria<sup>1</sup>. Maior fascinação ainda foi quando ele me enviou uma resposta (receber uma carta de Luria era como receber uma carta de Freud!), definindo, entre outras coisas, qual sua atitude em relação à própria obra:

Falando francamente, por mim prefiro muito mais o tipo de estudo “biográfico”, como os sobre Shereshevsky (o mnemonista) e Zasetky... em primeiro lugar por ele ser uma espécie de “ciência romântica” que eu queria introduzir e, em parte, porque sou firmemente *contrário* a uma abordagem estatística formal e *favorável* a um estudo qualitativo da personalidade, *favorável* a toda tentativa de encontrar *fatores* subjacentes à estrutura da personalidade... somente o *estilo* desses dois livros é diferente dos demais; o *princípio* continua a ser o mesmo (carta de 19 de julho de 1973).

E, em outra carta, alguns dias depois:

Sempre tive a consciência de que uma boa descrição clínica dos casos desempenha papel predominante na medicina, especialmente em neurologia e psiquiatria. Infelizmente, a capacidade de descrever, tão comum nos grandes neurologistas e psiquiatras do século XIX... praticamente se perdeu nos dias de hoje (carta de 25 de julho de 1973).

Luria encarava como tarefa sua (uma das duas tarefas de sua vida) a refundação de uma ciência romântica (sendo a outra a fundação da neuropsicologia, uma nova ciência analítica). Esses dois empreendimentos não eram antitéticos, mas sim complementares em todos os pontos. Assim, ele falou de sua necessidade de escrever

---

1. “The mind of A. R. Luria”, *Listener*, 28 de junho de 1973.

dois tipos de livros: livros “sistemáticos” (como *Funções corticais superiores*) e livros “biográficos” (como *O mnemonista* e *Mundo estilhaçado*). Ele não considerava estes últimos desimportantes ou menos importantes do que os primeiros, mas sim uma forma de ciência diferente (e, a seu modo, igualmente rigorosa), tão necessária quanto a clássica, e complementar a esta. Ser ela eminentemente legível e acessível não era mero acaso, mas decorria da natureza mesma do empreendimento, que pretendia apresentar um paciente, um homem, em sua totalidade, ainda que simultaneamente descrevendo a estrutura interna de seu ser, aquela fusão entre pintura e anatomia sonhada por Hume.

Esse tipo de empreendimento – retratando e, ao mesmo tempo, dissecando um homem, combinação dos sonhos de um romancista e de um cientista – foi levado a cabo anteriormente por Freud; e as magníficas histórias de caso de Freud logo nos vêm à mente quando lemos Luria. De fato, as histórias de caso de Luria só se compararam às de Freud por sua precisão, vitalidade, valor e profundidade de detalhes (embora, é claro, sejam também completamente diferentes, tanto quanto a neuropsicologia é diferente da psicanálise). Ambas estudam, fundamentalmente, a natureza do homem; ambas são novas maneiras de pensar a respeito da natureza humana.

Além disso, as “biografias” de Luria distinguem-se por serem histórias de caso com *trinta anos de duração* – nem Freud, nem mais ninguém, jamais nos ofereceu uma história de caso dessa extensão. Porém, sua verdadeira singularidade reside em seu estilo, a combinação entre uma descrição analítica, rigorosa e um sentimento profundamente pessoal e empático pelos sujeitos de estudo. A análise rigorosa é utilizada para descrever uma “síndrome”, a totalidade da doença, ou disposição, ou função alterada; mas a síndrome, assim dissecada, está incrustada numa pessoa, um indivíduo que é apresentado com uma fluência e vigor quase novelísticos. E estes são associados – a síndrome sempre se relaciona à pessoa e a pessoa, à síndrome –, o pessoal e o científico estão sempre auspiciosamente fundidos. Se Luria foi bem-sucedido em fazer essa fusão, cabe ao leitor

julgar; o que deve ser enfatizado é que o *empreendimento* foi audacioso e novo. Ninguém havia concebido um “romance” neurológico antes de Luria.

“Tentei”, escreve Luria, “seguir as pegadas de Walter Pater em *Retratos imaginários...* exceto pelo fato de que meus livros eram retratos *não imaginados*”. Não imaginados porém imaginativos, pois foi necessário um extraordinário ato de síntese e de imaginação criativa para transformar os simples fatos sobre Shereshevsky e Zasetzky nas histórias de caso intensamente vívidas e belas que Luria afinal nos oferece. Estas são, não por acaso, histórias de casos extremos, pois os extremos é que são instrutivos de maneira exemplar e única, quer tratem da hipertrofia de determinados poderes (como na imaginação e memória extraordinariamente poderosas do mnemonista) ou do colapso devastador de funções cerebrais e mentais específicas (como no atormentado Zasetzky com o cérebro ferido).

Um grande médico de época anterior, Ivy McKenzie, escreveu: “O médico (diferentemente do naturalista) preocupa-se [...] com um organismo singular, o sujeito humano, lutando por preservar sua identidade sob circunstâncias adversas”. Como neuropsicólogo, Luria estuda doenças e síndromes, a constituição e a desintegração do cérebro e da mente; mas como cientista e médico romântico, preocupa-se sempre e de maneira predominante com a identidade, sentindo-a, observando suas vicissitudes, cuidando dela, fortalecendo-a, quando ela está em luta com uma adversidade. Assim, suas obras “biográficas”, além de suas especificidades, são do começo ao fim estudos e histórias de indivíduos como um todo – suas mentes, suas vidas, seus mundos, sua *sobrevivência*.

Em *A mente de um mnemonista* não só nos brinda com uma análise fascinante da mente do mnemonista, mas também demonstra profunda preocupação pela situação aflitiva dele. Esse sentimento de preocupação e compaixão está ainda mais evidente em *O homem com um mundo estilhaçado*, onde a sofrida situação do paciente é tão pungente e intensa.

Ambos os livros, como assinala Jerome Bruner, em seu prefácio para *A mente de um mnemonista*, vão além de uma forma puramente médica ou científica e estabelece um novo gênero literário caracterizado por uma concepção amplamente abrangente da narrativa como um todo e uma linguagem tão espontaneamente bela quanto lúcida. Em *Mundo estilhaçado*, o sentimento de tensão dramática, de uma narrativa literária, está presente desde o início (apesar de que, como a maioria das histórias reais, ela seja uma história que não tem um final). Muito embora Luria nos diga que o autor dessa história de vida é seu herói Zasetzky, na verdade devemos vê-los como co-autores e colaboradores em todos os pontos. Não se pode pensar em precedentes para esse tipo de livro; é preciso retornar às anônimas *Confissões de um tiquista* entremeadas por comentários de seus médicos, que abrem o livro de Meige e Feindel sobre tiquês. Luria relembra essa antiga tradição, mas a revive de forma radicalmente nova.

Zasetzky é gravemente ferido, em 1942, por fragmentos de um projétil, com dano substancial da região occipitoparietal esquerda de seu cérebro (entremeadas com as vozes narrativas de Zasetzky e Luria, há inúmeras “digressões” sobre neuroanatomia e função cerebral, de tal modo lúcidas e simples que não podem ser melhoradas). Essa fragmentação afeta todos os aspectos de sua vida: ele sofre de um caos visual intolerável, em constante alteração – os objetos em seus campos visuais (no que resta de seus campos visuais) são instáveis, lampejam intermitentemente, deslocam-se, de modo que tudo parece estar em estado de fluxo. Ele não consegue ver, ou sequer imaginar, o lado direito do próprio corpo – o sentimento de “um lado direito” desapareceu tanto do mundo exterior quanto dele próprio. Ele é sujeito a contínuas, quase inimagináveis incertezas a respeito do próprio corpo: às vezes pensa que certas partes dele mudaram de aspecto, que sua cabeça tornou-se desmesuradamente grande, seu tronco extremamente pequeno, suas pernas estão fora de lugar... Às vezes pensa que sua perna direita está em algum lugar acima de seu ombro, possivelmente acima de sua cabeça. Esquece também como funcionam partes de seu corpo – assim, quando precisa defecar, não consegue lembrar-se do próprio ânus.

Acima de tudo, porém, e infinitamente mais grave do que tudo isso, são as destruições da memória, da linguagem e do pensamento: “Minha memória é um vácuo. Não consigo pensar uma só palavra [...]. O que quer que recorde é esfaçalhado, fragmentado em pedaços e peças desconexas”. Assim, ele se sente como “uma espécie de bebê terrível”, ou como alguém enfeitiçado, ou perdido dentro de um sonho horrível, embora “um sonho não pode durar tanto assim, nem é tão monótono. Isso quer dizer que realmente tenho vivido isso durante todos esses anos. Ah, como é horrível esta doença!” Às vezes até acredita que foi morto, porque o antigo Zasetzky, seu eu anterior e seu mundo se “perderam”. Contudo, como seus lobos frontais estão intactos, tem plena consciência de sua situação e é capaz de esforços os mais determinados e habilidosos para melhorá-la. Este livro é uma história desses esforços, nos quais paciente e médico se associam num relacionamento o mais íntimo, criativo e comprometido, um sentimento de relacionamento que ultrapassa qualquer coisa em *O mnemonista*, relacionamento – jamais mencionado, invisível, mas onipresente – que constitui a essência mesma da medicina e do cuidado, e que inunda esse livro com um calor, um sentimento e uma beleza moral especiais; ele é a história desses esforços mais do que uma história de danos e deficiências. Assim, acaba por ser uma história de *sobrevivência* – sobrevivência, e mais, uma espécie de transcendência.

Paralelamente à desesperança e ao desespero de Zasetzky, existe uma vontade arrebatada e indomável de melhorar, de fazer todo o possível para recuperar, para trazer de volta o *sentido* à sua vida. São abundantes as metáforas militares, tanto na linguagem de Zasetzky quanto na de Luria. O título original do livro, o título dado por Zasetzky, era *Continuarei a lutar*, e do começo ao fim Luria o descreve, e o admira, como um lutador: “este livro é sobre uma pessoa que lutou com a tenacidade dos condenados para recuperar o uso de seu cérebro danificado. Embora sob muitos aspectos ele tenha continuado tão desvalido quanto antes, a longo prazo foi vitorioso em sua luta”.

Este livro não teria sido possível sem os escritos do próprio Zasetzky que, com sua profunda amnésia e afasia (de tal modo que não conseguia nem ler, nem se lembrar do que havia escrito), só podia rabiscar suas lembranças e pensamentos à medida que lhe ocorriam, ao acaso, e com a mais sofrida dificuldade e lentidão. Muitas vezes, era absolutamente incapaz de lembrar ou de escrever, e quando muito só conseguia escrever umas poucas frases por dia. Não obstante, com incrível perseverança e tenacidade, foi capaz de escrever *trezentas páginas* no período de vinte anos e a seguir – e este é o martírio – arrumá-las e ordená-las e, desse modo, recuperar e reconstruir a vida que perdera, fazendo a partir dos fragmentos um todo com sentido. Como diz Luria, as probabilidades eram arrasadoramente contra ele; as probabilidades eram (e, para um paciente desse tipo, *são*) de que fosse “estilhaçado” e “perdido” para sempre. Foi o que certamente ocorreu com algumas de suas funções cerebrais (“sob muitos aspectos, [...] continuou tão desvalido quanto antes”), mas não o que ocorreu com sua “vida” – do modo pelo qual, ao construir sua narrativa, conseguiu recuperar e reapropriar-se do sentimento de um mundo vivo, de uma vida vivida, o sentimento (em todos os sentidos) de *sua própria* vida. Creio ser isso que Luria quer exprimir quando diz que “em certo sentido se pode dizer que ele foi vitorioso”.

E talvez haja nisto um universal aplicável a todos nós, ainda que o aprendamos de outra forma com Zasetzky – lição também ensinada por Sócrates, Freud e Proust – que uma vida, uma vida humana, não é uma vida até que seja examinada; que não é uma vida até que seja verdadeiramente lembrada e apropriada; e que essa lembrança não é algo passivo, mas sim ativo, a construção ativa e criativa daquela vida, a descoberta e o relato da verdadeira história daquela vida. Profunda ironia, nesses dois livros maravilhosos e complementares, é que é o homem da memória, o mnemonista, quem, neste sentido, perdeu sua vida, e que o homem amnésico, estilhaçado, é quem ganha e recupera sua vida.